

RE-INSCREVER: MOVIMENTOS DE SENTIDOS TRADUZINDO MUNDO

Dina Maria Martins Ferreira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

RESUMO

Traduzir é re-inscrever, ou seja, provocar e movimentar sentidos. Nesse estudo, vai-se trabalhar com decentramentos de duas naturezas: o movimento de derivação e o de sobreposição. O movimento de derivação estaria para uma expansão do sentido porque rouba atributos de outro sentido, provocando um alargamento do mesmo. O movimento de sobreposição mostra apagamento de sentido, cujos atributos são escamoteados para atender a políticas de representação. Sejam quais forem os movimentos de sentido, o ato linguageiro circula por entre-lugares, em busca de um lugar que atenda ao utilitarismo do momento.

Palavras-chave: Traduzir, Re-inscrição, Deslocamento de Sentido.

ABSTRACT

Translating is reinscribing, which I would call stirring and moving sense. I work with decentralizations of both natures: the derivation and superposition movements. The derivation movement would be in relation to a sense expansion because it steals attributes from another sense, causing a sense broadening. The superposition movement shows the demming of a sense whose attributes are concealed to adjust to representation policies. No matter what the sense movements may be, the act of speaking about something circulate among-places, in search of a place that fulfils the utilitarianism of the moment.

Keywords: Translation, Reinscribing, Sense Displacement.

Enquanto escrevo esse texto, estou construindo uma trama, que, para mim, neste momento, tem apenas uma possibilidade de significado, aquele que lhe atribuo agora. (GRIGOLETTO, 1992, p. 32)

Considerações

Ao tratar a questão de como traduzir sentidos, preocupe-me inicialmente em pensar o que seja traduzir, e optei pela ideia de Romi Bhabha (1998: 26) que postula que traduzir é re-inscrever, o que chamaria, aqui, de provocar sentido no e do mundo. À primeira vista, sentimos o pragmático-político nos cercando, pela própria pompa política que a palavra transmite. Resolvi verificar, tanto na esfera do individual quanto na esfera social, que re-inscrever é deslocar/movimentar sentidos de acordo com o interesse do momento em que são solicitados.

Para elucidar a questão do que estamos entendendo por movimento, iniciamos pelo significado dicionarizado de re-inscrever. O sufixo *-re* já nos permite verificar movimento, já que podemos entendê-lo como algo que se refaz, que se faz de novo. Se verificarmos o sentido de *inscrever* (*inscribere*), podemos atê-lo à ideia de insculpir, entalhar, colocar algo no lugar de outro ou, até um significado da geometria, traçar uma figura dentro da outra. Em todas essas possibilidades, sentimos movimento, de sair de um lugar para outro e de se mexer no próprio lugar. No caso de entalhar e filiados, poderíamos até pensar que não há movimento, já que entalhar, por exemplo, parece algo que se estabelece em um único lugar; há sim, só que em vez de se deslocar de um lugar para outro, há movimento em si mesmo. A ideia de deslocamento já se manifesta no sentido da própria palavra, o que ajuda a confirmar que re-inscrever é deslocar lugar - ou de um lugar para outro, ou no próprio lugar.

Mas o que nos propomos é mostrar o movimento de sentidos que se processam em torno do referente e em que direção certos contextos levam os sentidos. Especificando nossa estrada argumentativa, vamos aqui olhar deslocamento como movimento de atributos constituintes do sentido, que são abocanhados pela situação para alterar/transformá-lo, inscrevendo-os. Assim, o re-inscrever vai ser tratado como movimento que desloca atributos de sentido; enfim, um “processo dinâmico” que consiste no “de-centramento do sentido” (STIEGLER, 2004, p. 1); dizendo em outras palavras, seria uma quebra da fixidez de sentido, já que este se movimenta tanto para um alargamento quanto para uma compressão.

Nominalizo sentido e referente, duas nominalizações separadas, mas comportamentos conjuntos, pois sentido não se linguaja sem referente. Talvez a ideia dessa simbiose possa ser explicada por uma metáfora, inspirada pelo artigo de Rajagopalan “O significado e sua gênese: algumas anotações avulsas”, no livro *O Signo Desconstruído*(1992), quando fala do geocêntrico e do heliocêntrico, a partir da qual digo que sentido e referente são rotações na translação compósita de sujeito, linguagem e mundo. Decodificando a metáfora: rotação é “girar em torno do próprio eixo” (Dicionário CALDAS AULETE, volume V, 1964: 3586) e translação, “ação de mudar uma coisa de um lugar” (*idem*, volume V, 1964:4930). E especificando, diria que sentido e referente se juntam em suas rotações, rotação que vou demonstrar - objeto de nosso trabalho -, mas que não podemos esquecer que estão na translação de sujeito, linguagem e mundo. Ou seja, sentidos giram em torno de seu referente, que por sua vez estão em linguagem, esta também em rotação; como

linguagem está em sujeito, este também se movimenta, e por conseguinte o mundo olhado também gira – aqui o ponto inspirador da metáfora construída em torno de geocentrismo e heliocentrismo. Cada elemento levantado está em rotação, organizados na harmonia da translação, não obstante vamos nos deter na rotação dos sentidos em linguagem. A vontade de estar ratificando a ideia de movimento está para a contínua impressão que temos de que sujeito e linguagem são questões fixas, impressão que as próprias sensações humanas hiperbolizam, já que o olhar para mundo parte do ponto de vista do homem que vê. Esta é uma questão muito discutida no etnocentrismo, mas a reafirmo, porquanto se tem estudado essa questão no plano do sociocultural e penso que também habita o sensível do indivíduo. Ao sentir na pele, parece que esquecemos o espaço e o tempo em que habitamos, e apenas o que estamos sentido é levado em conta. E como exemplo (RAJAGOPALAN, 1992), nada melhor do que a frase – estou vendo o pôr do sol - , o que indica que estou parado, fixo em um centro, vendo o movimento do sol em torno do local onde me assento.

Ao falar de rotação e translação de sujeito, linguagem e mundo, estaríamos levantando várias questões. A que nos detemos nessa discussão é a da metáfora do telescópio de Frege, na qual sujeito se posiciona frente a um telescópio para ‘ver’ o mundo. Telescópio é a linguagem, a primeira lente é o sentido e a segunda, a maior e mais distante do sujeito é o referente. Não é só mundo fora da lente do telescópio que gira, o sujeito e sua lente giram no tempo e espaço do instante em que estão estabelecidos. São muitos movimentos a serem levados em conta, daí a ideia de translação a que proponho.

Nessa metáfora da translação, vale uma colocação elucidativa do que vou apresentar no primeiro corpus: “o sentido é o que define e determina a referência e não o contrário” (RAJAGOPALAN, 1992, p. 41). Como já foi dito anteriormente, o telescópio se compõe de duas lentes, a mais próxima do sujeito constrói o sentido do que vê na segunda lente, o referente; e será o olhar do sujeito que vai moldar em sentido o referente. Logo “só faz sentido falar numa realidade projetada pela linguagem” (RAJAGOPALAN, 1992, p. 41). Dependendo da maneira como o sujeito quer/pode/sabe/deve olhar no telescópio, a primeira lente altera o referente, alteração que não o elimina. Daí, poderemos anunciar a sentença de um colega: “já que não posso mudar o referente, mudo o sentido”. Sentença que indica que o sujeito mudou de telescópio, ou mudou de posição frente ao telescópio, ou mudou o foco das lentes. Enfim a translação continua mesmo com a mudança de rotação de seus elementos:

A lente mais distante do observador, isto é, a que se localiza no lado oposto do aparelho se destina a registrar o mundo lá fora. Com efeito, a linguagem é encarada como algo que intermédia entre mente do usuário e o mundo real. Ou seja, é graças a linguagem que o ser humano contempla o mundo (RAJAGOPALAN, 1992, p. 41)

Com tal proposta, escolhemos dois corpora que nos servem de ilustração: uma pequena experiência, vivida sobre um mau cheiro, e uma propaganda que tem como objeto doação ao programa “Fome Zero”. Os dois textos se agregam pela temática do sensorio, no caso: olfato – o mau cheiro - e gustativo – a fome -, este poderíamos nominalizar de não-gustativo, pois quem não come não sente o gosto da comida; trata-se de uma nominalização que não contraria o proposto já que o não-

gosto pode ser entendido como uma forma do gosto. Essa convergência temática vem atender à ideologia que pretendo dar ao texto, ou seja, em qualquer estudo que se faça, mesmo que pretendendo uma clareza da ordem do científico, na qual muitas vezes se separa o sujeito do objeto em prol da clareza, aqui o objeto é sujeito sensório, pois não existe o mau cheiro e a fome se não houver um sujeito que os sinta, e os sujeitos são aqueles do objeto que sentem e aqueles que agora lêem o sentir. Mas mesmo com toda a vontade de organizar o meu objeto de análise – a tradução como re-inscrição -, moldado por sujeitos em discursos, e estando agora, eu, sujeito lendo e re-increvendo o que foi inscrito e re-inscrito, vejo:

o instantâneo de uma linguagem plena, a imagem fixando o que não foi mais do que um ponto de pura passagem: uma linguagem [...] para além do grito mas aquém da brisura que articula e simultaneamente desarticula a unidade imediata do sentido no qual o ser do sujeito não se distingue nem do seu ato nem de seus atributos (DERRIDA, 1999, p. 342).

Se de um lado os corpora escolhidos convergiram pela temática do sensorial, do outro lado, também divergem. A empiria relata o mau cheiro *imprevisível*, e, como diz Aristóteles, é um

sensível *acidental* [...], uma faculdade de sentir, de sofrer alterações por obra de objetos exteriores ou interiores [...] percebido acidentalmente, como acontece quando se percebe o branco ao se perceber que uma pessoa é branca” (*apud* ABBAGNANO, 2000, p. 872-74) (itálico da autora);

e a propaganda vende a não-fome pela fome, cuja percepção é da ordem da *previsibilidade*, ou seja, no programa governamental brasileiro “Fome Zero”, pelo próprio objeto a que se destina – acabar com a fome –, a presença da fome é previsível, tão previsível que nos permite de imediato construir uma semiose da ordem do social, que expõe diferenças de classes.

Movimentos do sentido

Sem nenhuma pretensão teórica vamos designar o ato tradutório, re-inscrição de sentido, como movimentos de duas naturezas (e não as únicas, acredito eu; os dados é que construíram minha argumentação, a velha história de que os dados estão sempre a serviço da teoria e não ao contrário): o movimento de derivação e o de sobreposição. O movimento de derivação estaria para uma expansão do sentido porque ‘rouba’ de outro sentido atributos, ou seja, o sentido de um referente deriva para o sentido de outro referente – sai de um e entra em outro. O movimento de sobreposição mostra um deslocar de sentidos, onde atributos são escondidos, verticalizados – mas não menos deslocados – para atender a políticas de representação.

O movimento de derivação está em uma pequena história do cotidiano, com o devido humor da própria situação vivida:

Eu e alguns colegas estamos retornando de um dia de trabalho. Utilizamos um ônibus para voltar às nossas casas. Ônibus fretado, com banheiro ao fundo. Estou dormindo e os colegas conversando. Agora já semi-acordada, ouço vozes ao fundo. De repente sinto movimentos: alguns tentando abrir as janelas cerradas, cujo

empurra-empurra não alcançava sucesso; e um outro colega retirando algo de sua pasta, no bagageiro acima dos bancos, ao mesmo tempo que reclamava do mal-cheiro. Acordada, então, percebo que realmente havia um cheiro *horrível*, desagradável. Várias pessoas reclamando. Continuando seu movimento, o colega retira de sua pasta um frasco. É um VickVaporUbi!!!!. O bálsamo estava chegando. Os colegas em volta passaram a pasta em suas narinas. Ah! Que cheiro *agradável* de hortelã. Um estudioso da semântica proclama: *já que não podemos mudar o referente mudamos o sentido*. Termina o meu relato empirista.

Na análise desse texto, vamos alargar a noção de traduzir como uma re-inscrição que advém da “usura de palavras” (DERRIDA, 1991). No artigo “Mitologia Branca”, Derrida discorre sobre a “usura” por palavras, uma usura decorrente do excesso de uso e que, provocando “gastura”, revela outra usura, a busca de novos sentidos. Derrida faz uma analogia da linguagem com uma moeda, de modo a mostrar o sensível e o inteligível. Utiliza-se das reentrâncias da moeda, o exergo (local onde se coloca a data) e a efígie (a figura), como a moeda primeira, a que não foi ainda usada e manipulada. A moeda, no seu momento primitivo, mostra-se pelo sensível do tato, percebido por suas reentrâncias, mas de tanto uso essas reentrâncias se gastam, e faz com que fique lisa. A lisura da moeda apaga o seu lado primitivo, o exergo e a efígie, mas de alguma forma mantém o sensível pela representação que ali se estabelece. Essa metáfora é a linguagem, o que nos faz pensar no sujeito que pode captar sentidos pelas representações conferidas ao referente-objeto a que se dirige. Nesse texto, o movimento de atributos se dá pelas palavras *horrível* e *agradável* – *horrível* é um atributo do sentido primitivo de excremento que deriva, que abre espaço, para o atributo *agradável* retirado do VickVaporUbi. O movimento de derivação mostra uma negociação amigável de atributos, na qual estabelecem uma relação de coordenação, trabalhando pelo “acréscimo” e pelo “frutificar” de sentido:

...pode-se decifrar a dupla dimensão da usura: o apagamento por fricção, por esgotamento, por esterilização, é certo, mas também o produto suplementar de um capital, a troca que, longe de perder a entrada, faz *frutificar* a riqueza primitiva, acrescentaria a paga sob a forma de lucros, de *acréscimo* de interesse, de mais-valia linguística, permanecendo as duas histórias do sentido indissociáveis. (DERRIDA, 1991, p. 250) (itálico da autora).

Para ilustrar o movimento de sobreposição, escolhemos a propaganda do “Fome Zero”¹ (anexa), retirada da revista *Contigo*, à época do Natal de 2003, em que pedia doações de R\$1,00 a quem fosse a um Mega Bazar. A ideia de doação está para o preço único, R\$1,00, para cada produto que fosse comprado. A figura é uma modelo, e como tal, magra, vestida com um sexy corpete de brócolis. Os gravetos da verdura rodeiam seu estômago e cintura e a flor do brócolis cobre seus seios, posição de ornamento que acompanha as linhas do corpo feminino. Cabelos compridos, castanhos, olhar sexy, mãos na cintura, demonstram segurança de sua beleza. E junto à imagem o linguístico “MEGA BAZAR – A moda que pode acabar com a fome”.

1. Corpus cedido pela doutoranda Marilda Vasconcelos, PUC-SP, orientadora Prof^a Dr^a Maria Thereza Strôngoli, Núcleo de Pesquisa : Língua, Imaginário e Narratividade- NUPLIN.

O referente de fome se mostra por dois sentidos: fome que fornece beleza e fome-fome do miserável. A fome *na* beleza é gloriosa, o brócolis, verdura inofensiva e que permite a eliminação de possíveis “pneus” de gordura, se enquadra em vestimenta feminina, pois quem se alimenta sistematicamente de brócolis não é gordo; e a fome *na* fome, aquela da feiúra do miserável, que está escondida, apagada pela fome intencional de se tornar bela. O movimento de atributos fome da beleza e fome do miserável não está em relação de coordenação, um subordina outro, de tal ordem que a fome da pobreza se expressa ao fundo da imagem em pequena dimensão com a expressão “acabar com a fome”. A hierarquia não está só no conteúdo, mas também na própria distribuição discursiva – em letra pequena, ao fundo, em cor preta e não colorida. Os atributos do sentido fome se mexem de lugar, um lugar que descentraliza a fome do miserável, que, por princípio, seria o centro do Programa Governamental “Fome Zero”, e centraliza a fome beleza. É na posição de verticalidade, tanto do conteúdo quanto da sintaxe da imagem, que se percebe que um sentido se sobrepõe ao outro. Um paradoxo, talvez, pois como fome mata fome? O deslocamento não se faz mais por colaboração, a negociação entre atributos de sentidos é conflituosa, antagônica. Mas Derrida nos responde: “o *étimo* de um sentido primitivo permanece sempre, ainda que coberto, assinalável” (DERRIDA, 1991, p. 251). O poder se instaura na fome intencional que busca a beleza, mas mesmo assim as bordas, as da fome do miserável, são assinaláveis; o sentido da fome do pobre não é apagado, senão não a teríamos percebido. A fome na beleza está no poder, mas o sentido da fome na pobreza continua assinalável. Classes sociais são expressas, o poder é instaurado, e a usura de palavras impulsiona a inscrição do sentido que exala políticas de representação da ordem das diferenças sociais e do poder de classes. Políticas de representação que falam: uns passam fome por pobreza, outros pagam para passar fome num spa.

Jogos de linguagem e políticas de representação

Retomando a metáfora de rotação dos sentidos, podemos arrolar outros movimentos indicando com isso a complexidade da translação de sujeito, linguagem e mundo e talvez a impossibilidade de se pensar na fixação dos sentidos, na medida em que “a linguagem só nasce verdadeiramente pela disrupção e fratura [...] no instante em que o instantâneo é arrancado à sua imediatez fictícia e repostado em movimento” (DERRIDA, 1999, p. 342)

E é pela sua contínua reposição que podemos aventar outro tipo de movimento, aquele que se pretende organizar por um ponto, no caso, o eixo do sensorial, olfato e paladar. Nessa questão, o sentido pode ser explorado pelo movimento de semelhança e dessemelhança. São duas faces que Derrida (1991) oferece quando descreve o movimento das metáforas. No caso do referente excremento, precisei sair para o exterior de seu sentido, pois o atributo *desagradável* estava incomodando, e buscar outro atributo, o *agradável*, fornecido pelo sentido do referente VickVaporUbi, de modo que pudesse mudar o sentido de excremento. Aí o processo foi por dessemelhança entre odor horrível e odor agradável. E o processo de semelhança ocorreu, porque o movimento exploratório continuou no mesmo campo - o do olfato, as diferenças compartilham o mesmo espaço do olfato. O deslocamento do sentido do referente fome também obedeceu ao mesmo caminho, pois a fome beleza está em dessemelhança com a fome da pobreza, dessemelhança que representa diferenças de

classes, uma que provê e doa com o poder do dinheiro e outra que recebe quando o privilegiado assim o quer. E estão em semelhança porque jogam no patamar do mesmo sensorio, o da fome:

...uma palavra pode ser trocada por qualquer coisa *dessemelhante*: uma ideia; por outro pode ser comparada com qualquer coisa da *mesma* natureza: uma outra palavra (DERRIDA, 1991, p. 258) (itálico da autora)

Qualquer que seja o movimento, a usura das palavras se mostra, por “uma erosão progressiva, de uma perda semântica regular, de um esgotamento ininterrupto do sentido primitivo” (DERRIDA, 1991, p. 255). Enquanto o excremento exige espaço para outros atributos, a fome vai sofrendo erosão, pois a sensação da fome é apagada para adquirir atributos de beleza. Stiegler (2004, p. 1), na conferência de encerramento do Colóquio Internacional Jacques Derrida 2004, nos auxilia também quando diz que o sensível de uma experiência ou “consiste no *alargamento* do sentido” ou pode ser substituído por um “condicionamento arcaizante e *regressivo* da sensibilidade” (tradução e itálico da autora). Sob a perspectiva de Stiegler, o movimento do sentido de excremento estaria para o dilatar, pois deriva, buscando em outro referente um auxílio conciliatório, e o da fome estaria para a regressão do sentido fome, porquanto o sentido da fome estética diminui/comprime a dimensão do que seja a sensação de fome do miserável. O que se percebe é que o objeto de desejo olfativo é o bem-estar e do “Fome Zero” é da ordem do sociopolítico.

E em qualquer movimento, a re-inscrição do sentido revela políticas de representação, pois jogos de linguagem se constroem por interesses do aqui-agora, ou de mudar um cheiro ou de acabar com a fome e assim por diante. No caso do excremento, a negociação entre atributos de sentido foi de cordialidade, pois os sujeitos precisavam em seu telescópio de um sentido ameno para seu referente. Os atributos horrível e agradável entraram em consenso na construção do sentido escatologia, que foi buscar seu elixir. Por outro lado, os sentidos da fome, na elegância e na miséria, se articulam por incompatibilidade, tanto da ordem do político quanto do sensorial, ou seja, a diferença social é sufocada pelo sorriso hegemônico da classe privilegiada que mostra a fome matando a fome. O movimento exploratório dos sentidos, ora de cordialidade, ora de conflito, confirma a dimensão do político na qual se verificam “embates de fronteira acerca da diferença cultural com possibilidade de serem tanto consensuais quanto conflituosos” (BHABHA, 1998, p. 21). As políticas de representação estão não apenas na dimensão das questões sociais, raciais, gêneros, etc, mas também – e acrescento – no bem-estar do dia a dia, pois o cheiro agradável de hortelã atendeu ao interesse comunitário daquele instante. É

na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença [...] o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (BHABHA, 1998, p. 20)

Conclusão

E concludo perguntando a mim e aos que me leem, se re-inscrever não é também intervir, intervir na rotação dos sentidos, pois traduzir, como diz Derrida, é mais do que *linguisticismo*², porquanto na translação de sujeito, linguagem e mundo é o político que determina as respectivas rotações.

E ousaria dizer que os movimentos rotativos dos sentidos em linguagem, dos sujeitos e do mundo é um movimento do “estar no ‘além’”, como postula Homi Bhabha (1998, p. 27), ou seja, verifica que residir “no além”

é ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural: reinscrever nossa comunidade humana, histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá [...]* Nesse sentido o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora.

Então, continuo ousando dizer que o tradutor redescreve em sua contemporaneidade, angustiando-se por entre-lugares. Entre-lugares, porque está movimentando sentidos no presente, que são projetados continuamente para o além, mas que devem retornar ao presente em busca de um lugar. O lugar estabelece o sentido, agora já re-inscrito, mas que não apaga o movimento do reinscrever. Por uma decisão interpretativa, o sentido se instala, mas sempre deixa rastros dos movimentos do além. Identificar sentidos não é dar identidade a palavras, é revisioná-los em seu construto.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes 2000.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, J. A mitologia branca. In: **As margens da filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991, p.249-313.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FREGE, J.G. **Pensadores**. São Paulo: Abril, 1980.
- GRIGOLETTO, M. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In: ARROJO, R.(org.) **O Signo Desconstruído**. São Paulo: Pontes, 1992, p.31-34.
- RAJAGOPALAN, K. O significado e sua gênese: algumas anotações avulsas. In: ARROJO, R. (org.). **O signo desconstruído**. São Paulo: Pontes, 1992.
- STIEGLER, B. **Après-coups, manipulações, ficções, vadios**: as mãos do intelecto. Conferência de encerramento do Colóquio Internacional Derrida 2004, Evento organizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Consulado Geral do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Teatro Maison de France, 18 de agosto de 2004.

2. Intervenção de Jacques Derrida, no Colóquio Internacional Jacques Derrida, no Teatro Maison de France, 18 de agosto de 2004, após apresentação de mesa redonda sobre tradução. Argumentou que tradução interlínguas é necessária, mas que não se deve dar a essa questão relevância exagerada, senão se cai em um movimento a que chamou de “linguisticismo”. Diz que tradução é muito mais uma questão política, haja vista as guerras que estão acontecendo ocasionadas pela ineficiência da tradução política.

Anexo

